

APROVADO
PELOS
IRMÃOS
CREDO



436

UINGO

UM CONTO DAS CONGADAS



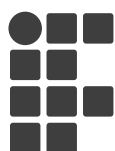


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

CONGO

UM CONTO DAS CONGADAS

Izzy Credo
Agnes Raquel Camisão
Clara Lusia Sousa
Maria das Graças Bueno da Silva
Rafael Alves Oliveira
Jesus Credo
Thiago de Souza Martins
Guilherme Talarico de Oliveira



INSTITUTO FEDERAL
Goiano

2021© Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IF Goiano

ISBN: 978-65-87469-17-1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano

C749

Congo: um conto das congadas / Izzy Credo et al. – 2. ed. ampl.
Goianésia, GO: IF Goiano, 2021.
12 p., il.: color.

ISBN (e-book): 978-65-87469-17-1

1. História em quadrinhos. 2. Congadas. 3. Cultura. I. Credo, Izzy. II. Camisão, Agnes Raquel. III. Sousa, Clara Lusía. IV. Silva, Maria das Graças Bueno da. V. Oliveira, Rafael Alves. VI. Credo, Jesus. VII. Martins, Thiago de Souza. VIII. Oliveira, Guilherme Talarico de. IX. Instituto Federal Goiano.

CDU: 821.134.3(81)-94

PREFÁCIO

Ali descansaremos e contemplaremos, contemplaremos e amaremos, amaremos e daremos graças. Eis aqui o que haverá ao fim, mas sem fim. Pois, qual outro pode ser o nosso fim senão chegar até o Reino que não tem fim?

Santo Agostinho

Pensar as manifestações do catolicismo popular implica entender a mentalidade do homem do campo, suas peculiaridades, suas origens sociais e históricas, suas identidades construídas ao longo do processo de ocupação dos territórios. Carlos Rodrigues Brandão, um dos estudiosos mais prolíficos sobre as “coisas do povo” do interior de Goiás, propõe um entendimento das expressões do catolicismo popular, sobretudo com relação às Congadas, como uma representação do eterno. Assim, instintivamente, o povo do cerrado se cobre de cores vivas e sons marcantes, canta e dança com passos ágeis, com maestria e rústica beleza, num devaneio de amor pela festa dos seres da eternidade¹. Eis a encenação do eterno profetizado por Agostinho.

Difundir, promover, apresentar as

manifestações culturais do povo goiano, nas suas mais variadas formas de expressão e modos de fazer, por meio de formatos que atingem a juventude de forma mais lúdica. As HQs tem sido utilizadas de forma muito inteligente com esse intuito, inclusive apresentando clássicos da literatura (brasileira e mundial) a uma nova geração de leitores. Muito bem vinda a iniciativa dos Professores, a saber: Agnes Camisão e Rafael Alves, e pelos Irmãos Credo subsidiados pela Lei Aldir Blanc-Goiás, para instigar estudantes, e comunidade em geral, a saberem mais sobre as manifestações culturais, as identidades, as memórias e, sobretudo, as histórias das gentes que compõem o que se costuma chamar de “povo goiano”.

História sim, porque uma manifestação da cultura popular está

intrinsecamente relacionada ao processo de formação histórico e social da gente e do lugar onde ocorre. Entender a ocorrência de uma Festa de Congada no interior de Goiás, implica em conhecer o processo de ocupação do lugar, especificamente, de como se formou a comunidade, quais as pessoas que ali se estabeleceram, de onde vieram, com que propósito e infinitas outras questões.

Pois bem, as dramatizações, com enredos medievais de coroação do Rei do Congo, surgiram ainda no território africano colonizado, quando, em Angola, os súditos encenavam o cortejo aos reis congos, a fim de enaltecer os seus governantes. A prática teria sido realizada por escravos e forros no século XVI, em Lisboa. O início da eleição do rei e da rainha congos estaria relacionada à re-

¹BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe venho vindo. Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora UFG, 2004.

apresentação política e simbólica do rei do Congo, promovida em 1551, pelo rei português D. João III. Para o historiador da cultura Roger Chartier, a representação é o instrumento pelo qual um indivíduo ou grupo constrói, produz e cria um significado para o mundo social. Esta “percepção do social” é um processo carregado de interesses, que corresponde a uma determinada estratégia de um agente social ou de um grupo social. Ressalta-se, portanto, o caráter político de contestação e de resistência da realização das Congadas.

Apenas para citar uma referência sobre as Congadas, dentre a diversidade de estudos sobre o festejo, na obra de Alfredo João Rabaçal está registrado que a primeira coroação do rei Congo foi feita por uma irmandade religiosa em Recife, no século XVI. Na sociedade mineira, Chico Rei foi considerado o primeiro rei Congo a encenar um Terno de Congada, sendo coroado no ano de 1717². A população negra no Brasil Colonial, escravos africanos e nascidos no Brasil, negros forros e homens livres, mestiços e caboclos, reedificaram suas identidades e reinterpretaram os códigos católicos, conquistando relativa autonomia (comparando-se às religiões de

matriz africana) para a prática de seus cultos.

A “cultura congadeira” é constituída pelos rituais e celebrações, cantigas, rezas, coreografias, instrumentos e cores. As práticas culturais das Congadas expressam uma mensagem, não só de tristeza, de fé ou rebelião, são memórias dos reinados africanos revividos, onde estão inclusos as procissões, coroações, desfiles de apresentações dos Grupos, Guardas, Bandas ou Ternos.

Novenas, novenários, missas campais, almoços coletivos e outras atividades também estão ligadas ao contexto do Congado. Congadeiro é um indivíduo que ocupa alguma função dentro do festejo. Peter Burke considera que, as festas populares são “festas que o povo dá”, pois nela todos são sujeitos de ação: brincam, observam, dançam, cantam, trabalham ou, simplesmente, se interagem.

A descoberta dos veios de ouro em Goiás garantiu a formação da Província e, conseqüentemente, a introdução da cultura mineira na região. Relatos de Congadas em território goiano coincidem com a formação dos primeiros núcleos urbanos e a constituição das Irmandades Religiosas. Com o

intuito de garantir a manifestação religiosa dos negros na Província (como subterfúgio para auxiliar e interceder na alforria de escravos e familiares), foi pelas Irmandades que a cultura congadeira se firmou no calendário religioso das comunidades auríferas. Após o rápido processo de transição da cultura mineradora para a agropecuária, é que a influência negra sobre o catolicismo popular se estabelece nas comunidades quase isoladas do sertão cerradense. Lembrando de Martiniano da Silva, em todos os vilarejos da Província de Goyaz havia a “sombra do quilombo”.

Os rituais e estruturas da cultura congadeira são transmitidos oralmente entre as gerações e entre os participantes do festejo. Do mesmo modo, por intermédio da transmissão oral de nomes, datas e localidades, são fixados seus marcos fundacionais. Cada Terno de Congo tece sua rede de significados de acordo com sua realidade sócio-histórica. A construção/elaboração de referências se dá junto com os modos de fazer, nos ensaios, no trabalho coletivo, na confecção dos trajes e dos instrumentos. As histórias são pontuadas por fatos compartilhados entre o Grupo, constituindo uma memória coletiva que, não

²RABAÇAL, Alfredo J. As Congadas no Brasil. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

raro, é atemporal e, ainda que vagamente, desterritorializada.

O papel da festa para o povo significa assimilar a festividade. Ou melhor, o contexto em que os folguedos são (re)criados, implica em entender, dos próprios indivíduos, a importância dos processos de preservação destas manifestações religiosas e culturais que propiciam a continuidade da tradição vivida. Motivam ao povo

momentos de alegrias, prazer, danças, músicas, divertimentos, encontro de amores.

A cultura do negro em Goiás tem sido mantida em estado de concessão pelas categorias oligárquicas, aliás, desde o século XVIII. Exemplo disso é a ênfase dada a certas manifestações tradicionais de origem nas Irmandades de brancos, em detrimento das festas de tradição do povo negro.

Émile Durkheim destaca que as festas significam uma forma de divertimento em grupo, momento em que o indivíduo desaparece no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo e o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade³. Manter a Congada viva é uma forma de resistência.

Guilherme Talarico de Oliveira

Doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás, defendido em junho de 2018. Possui mestrado em História pela mesma instituição (2008) e pós-graduação em Gestão e Produção de Projetos Culturais pelo Instituto de Estudos Sócioambientais - IESA/UFG (2010). Atuou como consultor em convênios com o Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN (DF) e a UNESCO (2011), e em diversos projetos do Museu da Imagem e do Som-GO, Museu-Casa Pedro Ludovico e para a Secretaria de Estado da Cultura - GO. Recebeu a Bolsa de Produção Crítica sobre Culturas Populares e Tradicionais da FUNARTE (2011). Tem experiência na área de História cultural e regional, com ênfase em Patrimônio Histórico, Museus e Acervos Imagéticos e Documentais, principalmente nos temas: memória social e institucional, biografias, patrimônio, identidades, cultura popular e fotografia. Presta serviços de consultoria para projetos e empreendimentos que demandem Estudos e Relatórios de Impacto Ambiental e Levantamentos Arqueológicos e Históricos. Membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Imaterial do Estado de Goiás (2019-2021). Professor doutor substituto na Universidade Estadual de Goiás, unidade Goianésia, nas disciplinas História do Brasil e Patrimônio, Tópicos de História Regional, Introdução ao Pensamento Histórico e Tópicos de História Indígena.

³DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

APRESENTAÇÃO

Manifestação da Congada em Cafelândia

O povoado de Cafelândia, localizado a 24 km a noroeste da Cidade de Goianésia, surge de um loteamento de parte das terras da fazenda cafeeira Monte Alegre. O nome é em decorrência das plantações de café que vigorava como a principal economia na região, responsável pela vinda de migrantes de Minas Gerais, Bahia entre outros.

Conforme narrativas dos primeiros moradores, era lugar de mata fechada que, após loteamento vê surgir um povoado, patrimônio de

abastecimento de provisões para famílias e trabalhadores das fazendas. Em suas memórias guardam lembranças das primeiras casas construídas de madeira e cobertas com folhas de coqueiro.

O contexto rural apresenta diversas manifestações culturais como o surgimento das Folias, as tradições, festejos juninos dentre estes encontramos a Congada.

A Congada é uma expressão do sincretismo religioso de devoção as entidades africanas que se expressa no Brasil em rituais e cultos de santos católicos como São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e outros.

A cultura congadeira manifesta-se em contexto onde a presença da população negra se faz presente, seja em espaços urbanos, quilombolas como uma tradição e laços de identidade.

Em Cafelândia essa tradição foi motivada a partir dos festejos no povoado próximo à Juscelândia. A prática foi incentivada por antigos moradores que encontraram em Cafelândia famílias que motivadas passaram a organizar os cortejos em devoção a Nossa Senhora do Rosário, a tradição se fortaleceu e a Congada hoje é uma expressão cultural de resistência social da população negra na região.

Maria das Graças Bueno da Silva

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (1986) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2001). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Goiás. Tem experiência na área de História, com ênfase em ESTÁGIO SUPERVISIONADO, atuando principalmente nos seguintes temas: imaginário social, trajetória, ensino de história, profissão docente e formação de professores.

PRETOS, PEÕES E CONGOS



Na época dos escravos, existia um reino, onde o rei tinha vários súditos, os da corte, e os congadeiros. Esse rei também tinha seus escravos...

Um dia, numa gruta de pedra,
uma santa apareceu...



Os escravos
viram a santa
e contaram ao rei.



Então ele mandou que os de lá da corte
fossem buscá-la. Mas não foi junto.

Eles voltaram de mãos vazias.



Aí, um grupo de congadeiros foi pedir ao rei para buscar a santa. O rei deixou e disse ainda...

... que daria pra eles um baú de ouro, se conseguíssem trazê-la...

Então o Congo foi lá, cantou e dançou para ela...

... ela riu, deu uns passos e parou. Eles continuaram dançando e cantando mas não adiantou nada.

Depois, os escravos pediram ao rei permissão pra ir buscar a santa...

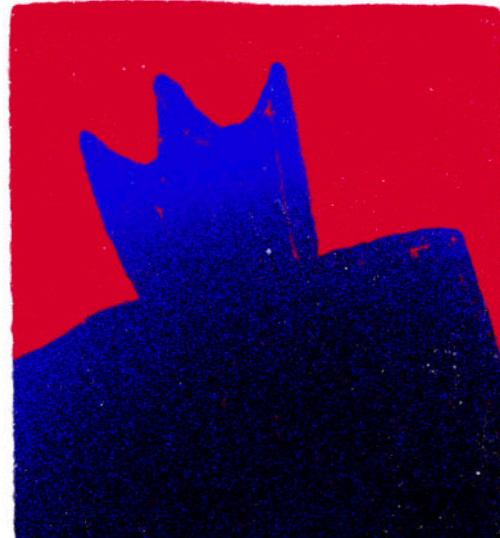


O rei e os que tentaram trazê-la riram muito...



... porque acharam que eles nunca iam conseguir.

Então o rei deu a permissão...



... falou que se conseguíssem...



Chegando lá, os escravos começaram a cantar assim:



OH! MINHA RAINHA

**POR DEUS
VEM ME
ACOMPANHAR**

**OH!
MINHA
RAINHA**

**PARA EU TER
UM DESCANSO**

**DEIXA EU
DESCANSAR**

Aí a santa acompanhou os escravos...



... chegando no palácio, o rei não queria mais dar liberdade para eles...

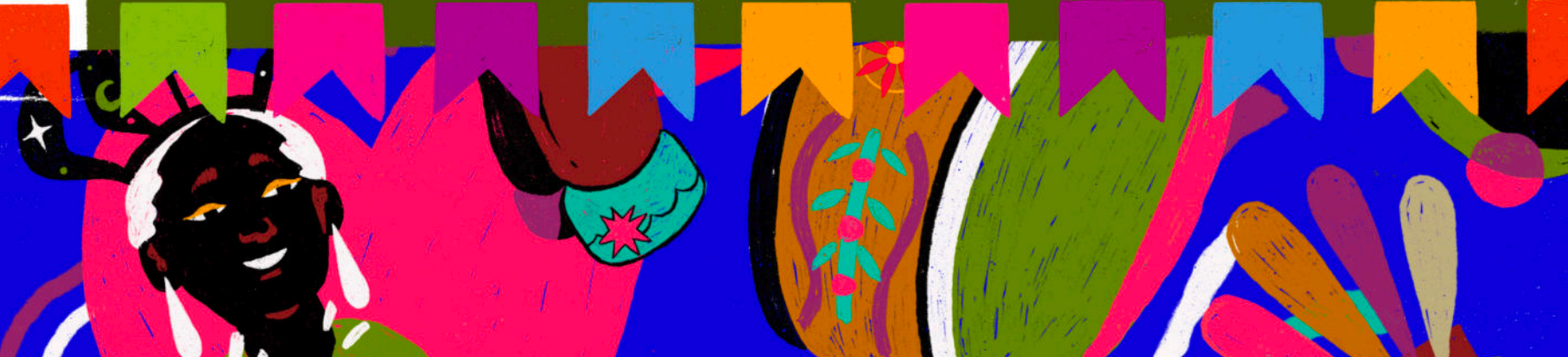


... colocou na cabeça de um negrinho chamado Benedito...

... o rei, vendo aquilo, deu a liberdade aos escravos...



... e esses que trouxeram a santa foram chamados de moçambiqueiros. E os congos, por terem rido dos escravos, passaram a acompanhar o moçambique até hoje."





Sabia que durante o processo de catequese, feito pelos missionários dominicanos, a Nossa Senhora do Rosário foi parar na África? O culto da santa foi imposto aos negros e, com algumas modificações, é uma celebração que existe até hoje. A festa é conhecida como Congada, mas se engana se achar que nela, apenas Nossa Senhora do Rosário é cultuada. Há espaço também para São Benedito e Santa Efi-

gênia, dois santos negrinhos. Os elementos da coroação de reis, lutas, dança, vestuário foram, também, construídos por povos negros numa lembrança da Terra-Mãe.

Para Dito Roque e Maria Helena, entrevistados para a construção dessa HQ, a festa do Rosário é uma das fases mais importantes para a vida da comunidade, porque representa o movimento má-

ximo da concretização do amor à Grande Mãe. A linguagem do Congo expressa a religiosidade e a vida mais recente do grupo de Juscelândia e Cafelândia (Goiás) através dos cantos que lembram os problemas sociais e bizarras.

Agnês Raquel Camisão
Rafael Alves Oliveira
Transcrição: Clara Lusia Sousa

Collab Irmãos Credo + Maza



Realização:



Apoio:

